

A vida é toda linguagem

Nídia Heringer

O homem é dotado de uma enorme capacidade de produzir. Essa produção ordenada é comprovada pelo seu processo evolutivo e o patamar em que se encontra hoje.

Aquele que pouco se diferenciava dos animais reordenou sua estrutura primata e seu habitat; da pedra quebrada chegou ao avião, ao foguete, à informatização. Dos sons guturais alcançou a língua perfeitamente organizada. Isso engloba criação de símbolos vários e decodificação diversificada dos mesmos, caracterizando a língua como convenção e culturalmente como imposição social e histórica.

E convenção, uma vez que são estipulados sinais (símbolos) e significados (interpretações). E imposição, no momento em que se exige o uso da maneira mais elaborada em que a língua se manifesta (padrão), essa imposição define-se como social e histórica quando remete às variantes lingüísticas observadas em sociedades distintas e tempo cronológico delimitado.

Aluna estagiária do Curso de Letras da URI, 10º Semestre.

Pode-se afirmar que a linguagem teve basicamente o mesmo processo evolutivo do ser humano em virtude de não existir separada dele. Era inicialmente o marco diferenciador do homem e do animal, hoje é bem mais relevante o seu papel: quando observada em caráter avaliativo avoluma-se como mola propulsora de todas e quaisquer atividades sociais, econômicas, políticas e intelectuais, além de delimitar grupos étnicos, nível de instrução e mesmo a faixa etária a que pertence o falante.

Embora o avanço tecnológico e a massificação dos meios de comunicação visem a homogeneizar e democratizar a linguagem (variante oficial), tem-se ainda enormes contrastes. Tomando-se a língua e suas manifestações em termos de país, observam-se vocabulários diferentes entre regiões bastante próximas - dialetos do alemão, do italiano, do polonês - além das variantes regionais, como por exemplo, a gauchesca e a sertaneja.

Há, assim, uma língua nacional convencionada e completamente "arranjada" em função de diferenças culturais. E, partindo-se do pressuposto de que não existe ausência cultural e sim elementos diferenciadores entre uma cultura e outra, abordar o assunto linguagem é, forçosamente, estabelecer parâmetros entre ela e a sociedade, uma vez que a primeira é decorrente da estruturação da segunda.

Sabe-se que a língua é veículo de democratização, mas só à ingenuidade credita-se a não percepção de que falar e escrever como se quer é recurso ditatorial. Para comprovar essa proposição basta submeter-se a concursos de qualquer ordem: conhecer a linguagem normativa impõe-se como condição primordial à aprovação. A linguagem é, irrefutavelmente, produto oriundo de solicitações do meio social. Sem ela não haveria formação de grupos e nenhuma atividade humana organizada e, por conseguinte, não ocorreria sequer formação e transmissão de toda essa complexa esfera a que chamamos cultura.

"Vida toda linguagem", escreveu um dos grandes poetas brasileiros. A linguagem e a vida são inseparáveis. Não há registro de nenhuma sociedade humana que se organize sem linguagem. Vivemos entre palavras, fazemos a vida com as palavras. Essas atravessam

praticamente todas as dimensões de nossa existência, desde os mais secretos sinais de nossos sonhos até as situações mais objetivas do trabalho cotidiano. Inumeráveis redes de comunicação verbal tecem a nossa história, cada dia. Pensamos para falar, falamos para pensar. Por isso a linguagem: para comunicar o vivido e o por viver, para resgatar a memória, para enunciar os desejos, as esperanças, as várias formas de se fecundar o presente e gestar o futuro. O que vivemos. O que almejamos.

Somos todos capazes de linguagem. Pensamos e falamos as relações da vida cotidiana. De algum modo, fazemos ouvir a nossa voz, ainda que timidamente. Ainda que precariamente, é preciso realizar a travessia da comunicação com os outros. De algum modo é preciso transpor fronteiras, quer geográficas, quer culturais e, embora elas sejam muitas, diversos são também os recursos e métodos capazes de proporcionar a aquisição ou ampliação de manifestações lingüísticas.

Em função de um mesmo objetivo - globalização (ainda que imposto) - urge compreender que o processo lingüístico vai além da aquisição e domínio de estruturas gramaticais. Para que a nossa existência faça sentido. Para que o outro nos reconheça. A nossa voz. Outras vozes. Apesar de todos os esmagamentos e de todas as desfigurações avolumam-se as formas de comunicação, é preciso ser agente desse processo.

Existe uma diversidade de procedimentos através dos quais se incorpora ou se solidifica a nossa capacidade de expressão. Uma expressão que envolve os sentidos e a imaginação, automatizando a relação com os objetos, aqui entendidos em sua dimensão mais fecunda e abrangente: os bichos, as plantas, as ruas, os prédios, a noite, o dia, as cores, os sons, as formas, os contornos de dentro, de fora, das gentes na gente, da gente no mundo tornado concreto, sensorialmente experimentado.

Desalienar o nosso universo interior, doá-lo a nós mesmos, traduzindo-nos e traduzindo-o num processo em que a escrita aproxima-se umbilicalmente da fala, o escrever aproxima-se umbilicalmente do viver e a vida seja a liberação da linguagem e do

pensamento em uma trajetória nova que envolva questionamento, discussão e exercício. E da frequência desse exercício surja a redução da "distância cultural" entre seres e países.

Talvez o referido seja sonho. Mas sonhemos ainda assim. Provemos que não estagnamos no tempo. Estamos sujeitos a vicissitudes de toda ordem, mas são as comparações e avaliações que geram crescimento e melhoria. Bem ou mal, somos a continuidade do processo lingüístico Hoje somos todos possibilidades. Quiçá no novo milênio não mais haja, como diria Warat, "tantas zonas cinzas, incertezas e perplexidades" nesse labirinto de caminhos e descobertas que é a linguagem.